


MARIA BONITA DE TOCANTINÓPOLIS: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA MÃE-DE-SANTO DO NORTE TOCANTINENSE

Bruno Barros dos Santos¹ 

Rogério de Carvalho Veras² 

Resumo: A investigação deste trabalho se dá sobre a vida de Maria do Rosário, mais conhecida como Maria Bonita, mãe de santo pertencente à tenda São Jorge Guerreiro, moradora da cidade de Tocantinópolis, natural de Serra da Cinta-MA. Esta carrega consigo uma gama de narrativas míticas, onde aparecem personagens das sessões de cura da tenda em questão. Interessa-nos saber como caboclos, encantados e pombagiras influenciam a construção da identidade (história de vida) desta personagem. Na literatura antropológica pouco se falou sobre esses encantados da região Norte. O foco central dessa pesquisa é apresentar um estudo da história de vida de Maria Bonita, que além de mãe de santo é vista como benzedeira, parteira, curandeira e filha dedicada aos encantados; entretanto sua trajetória é marcada pelo contraditório, são momentos de descrença e solidão, apesar da ajuda de companheiros invisíveis.

Palavras-Chave: Maria Bonita. *Encantados*. História de vida.

MARIA BONITA FROM TOCANTINÓPOLIS: LIFE STORY OF A “MÃE DE SANTO” FROM NORTH TOCANTINENSE

Abstract: The investigation of this work takes place on the life of Maria do Rosário, more known as Maria Bonita, “mãe de santo” belonging to the tent “São Jorge Guerreiro”, resident of the city of Tocantinópolis, natural from “Serra of Cinta-MA”. This carries with it a range of mythical narratives, where characters from the tent's healing sessions appear. We are interested in knowing how “caboclos”, “encantados” and “pombagiras” influence the construction of the identity (life story) of this character. In the anthropological literature, little has been said about these charms from the North. The central focus of this research is to present a study of the life history of Maria Bonita, that besides of “mãe de santo” is seen as “benzedeira”, “parteira”, “curandeira”, and daughter dedicated to the “encantado”; however, her trajectory is marked by contradictory moments of disbelief and loneliness, despite the help of invisible companions.

Keywords: Maria Bonita. *Encantados*. Life story.

MARIA BONITA DE TOCANTINÓPOLIS: HISTORIE DE VIE D’UNE MÃE DE SANTO DU NORD DE TOCANTINS

Résumé: L'enquête de ce travail parle de la vie de Maria do Rosário, mieux connue sous le nom de Maria Bonita, *mãe de santo* appartenant à la tente São Jorge Guerreiro, résidente de la ville de Tocantinópolis, née à Serra da Cinta-MA. Elle emporte avec lui une gamme de récits

¹ Professor Substituto 2018-2019 / Ciências Sociais / Universidade Federal do Tocantins - UFT. Especialista em Educação de Jovens e Adultos (UFT - 2017) e África e Africanidades (UFT - 2017). Graduado em Ciências Sociais UFT - Campus de Tocantinópolis (2012). Mestrando em Sociologia (PPGS/UFMA).

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis (2018), mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (2008), graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2005). É professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia (UFMA/ Imperatriz-MA), do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFMA/ São Luís-MA) e do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (UFMA/Imperatriz-MA).

mythiques, mettant en vedette des personnages des séances de guérison de la tente en question. Nous nous engageons à savoir comment les *caboclos*, les *encantados* et les *pomba giras* influencent la construction de l'identité (histoire de vie) du personnage. Dans la littérature anthropologique on a peu parlé de ces *encantados* du Nord. L'objectif principal de cette recherche est de présenter une étude de l'histoire de la vie de Maria Bonita, qui en plus d'être *mãe de santo* est considérée comme une bénisseuse, sage-femme, guérisseuse et fille dédiée aux *encantados*; cependant, sa trajectoire est marquée par le contradictoire, ce sont des moments d'incrédulité et de solitude, malgré l'aide de compagnons invisibles.

Mots-clés: Maria Bonita. *Encantados*. Histoire de vie.

MARIA BONITA DE TOCANTINÓPOLIS: HISTORIA DE VIDA DE UNA “MÃE-DE-SANTO” DEL NORTE DE TOCANTINS

Resumen: Esta investigación trata sobre la vida de Maria do Rosário, más conocida como Maria Bonita, “mãe-de-santo” que pertenece a la tienda São Jorge Guerreiro, residente de la ciudad de Tocantinópolis, nacida en Serra da Cinta-MA. Maria Bonita lleva consigo una variedad de narraciones míticas, donde aparecen personajes de las sesiones de curación de la tienda. Estamos interesados en saber cómo los “caboclos”, “encantados” y “pombagiras” influyen en la construcción de la identidad (historia de vida) de este personaje. En la literatura antropológica, poco se ha dicho sobre los “encantados” de la región Norte de Brasil. El objetivo principal de esta investigación es presentar un estudio de la historia de vida de Maria Bonita, que, además de ser una “mãe-de-santo”, es vista como una curandera, comadrone, sanadora e hija dedicada a los “encantados”. Sin embargo, su trayectoria está marcada por lo contradictorio, son momentos de incredulidad y soledad, a pesar de la ayuda de los compañeros invisibles.

Palabras-clave: Maria Bonita. *Encantados*. Historia de vida.

Introdução

Maria Bonita é um apelido para a mãe de santo Maria do Rosário Gomes Nascimento, dirigente da Tenda São Jorge Guerreiro. Ela tem 80 anos, é viúva, mãe de 5 filhos e moradora da cidade de Tocantinópolis-TO. Meu contato com Maria Bonita começou no final da graduação em Ciências Sociais, quando da necessidade de realizar o trabalho de conclusão do curso. Em 2010, comecei a frequentar o terreiro toda semana. Uma das principais intenções era descobrir sobre a religião que ela praticava.

Dona Maria Bonita nos contou durante quatro entrevistas e muitas conversas, aspectos pertinentes de sua vida, como: o cotidiano da infância no sertão, questões íntimas, as brigas com os homens, o trabalho vendendo comida e nas “curas”, o difícil relacionamento com os vizinhos quando decidiu implantar o terreiro, os apelidos que recebeu. Todos os temas, de acordo com a interlocutora, tiveram por influência a ação dos encantados, algo que marcou sua vida. Todas as informações aqui relatadas são fruto do diálogo com a mãe de santo Maria Bonita, suas entidades e algumas de suas filhas de santo, como Pacílicia, Dona Narcisa e Maria Antônia (as três *in memoriam*).

As entrevistas, conversas e anotações de diário de campo foram obtidos entre 2010 a 2015 no terreiro Tenda São Jorge Guerreiro³, na cidade de Tocantinópolis-TO⁴.

Procuramos utilizar como instrumento de pesquisa a história de vida: “as vantagens desse instrumental são expressas através da abertura de dois campos de problemas, que tendem a mostrar que a coleta de relatos orais é praticamente insubstituível” (DEBERT, 1986, p. 141). O primeiro desses campos é a produção de uma nova documentação que atenda a uma lacuna da história oficial; e o segundo é a democratização da história, que possibilita aos marginalizados produzirem suas narrativas, pondo em xeque preconceitos e pressupostos existentes sobre esses grupos na historiografia. Ademais, histórias de vida como a de Maria Bonita contribuem para compreensão de um contexto de opressões e discriminações de gênero e religiosas sofridas por esta mulher que se reconhece como independente e guerreira.

Nosso objetivo foi juntar os fragmentos de memória de diferentes informantes – a própria Maria Bonita, entidades incorporadas nela e as filhas de santo de sua casa – para tecer um panorama da trajetória de nossa personagem, demonstrando como sua vida está relacionada aos aspectos religiosos presentes na história da região norte do estado de Tocantins. Entendemos que essas experiências de vida são formadoras de uma identidade – sendo vivenciadas como boas ou não, foram fatores importantes para o fazer-se mãe de santo (VENÂNCIO; ARRUDA, 2017, p. 203) que está em constante construção e reconstrução.

Nesse sentido, a questão da identidade nas religiões afro-brasileiras guarda particularidades que devem ser consideradas. Segundo Ahrlert:

[...] para pensar a pessoa no terecô, me parece possível afirmar que se fala de uma pessoa ‘múltipla, plural, expansiva, conectada de forma que: o que existe entre o médium e eles [espíritos] melhor se compreenderá como um projeto contínuo de pessoa em construção – os seres de ambos jamais se encontram em estado fixo ou imutável, mas se nutrem congruentemente um do outro, especificando-se na prática e numa aprendizagem de si, ao longo do tempo’ (AHLERT, 2016, p. 279).

³ O Terreiro São Jorge Guerreiro localiza-se no centro da cidade de Tocantinópolis. É uma construção simples, situada no fundo do quintal onde reside a mãe de santo Dona Maria Bonita. O terreiro foi fundado nos anos de 1970, como ela relata.

⁴ Primeiramente, a cidade foi conhecida como Pastos Bons, depois Boa Vista do Padre João, até chegar a ser conhecida como Tocantinópolis em 1943. A pesquisa aconteceu na cidade de Tocantinópolis-TO. Aproximadamente, a cidade conta hoje com uma população de 22.870 habitantes. Têm uma área de 1.077,066 km², seu bioma é o cerrado, a cidade está localizada à margem esquerda do rio Tocantins numa altitude de 156,79 metros (CENSO CIDADES, 2019). A distância para a capital Palmas é de 539 km. Tem em seu entorno a presença do território Indígena Apinajé.

No caso de Maria Bonita, dirigente de uma umbanda própria do Norte Tocantinense, a ideia de pessoa plural, múltipla, expansiva também se faz presente. Efetivamente, nas narrativas obtidas, observamos que sua religião está intrinsecamente ligada à história de sua vida. Assim, nosso objetivo foi saber como caboclos, encantados e pombagiras estão presentes na construção da identidade desta mãe de santo.

O começo da vida no “sertão”

Soubemos que Maria Bonita é filha de Maria Gomes e Fernando e que é natural de Serra da Cinta no Maranhão. Foi a entidade Cabocla Aninha⁵ quem relatou a infância de Maria Bonita neste lugar:

É longe demais, é lá onde Judas perdeu as botas. Lá tem umas serras, têm umas águas alvinhas. Eu desço lá, desço, me banho e vou me embora. Lá é a terra de meu aparelho Maria Bonita, ela ia ser criada lá mais não foi. Não foi porque a velha brigou mais o marido e se separaram. A velha era a mãe de Dona Maria Bonita. O Pedro Panaga queria matar a mãe dela, cortou alguns dedos dela, dois dedos ficaram só no couro, os dedos foram cortados de facão. Dona Maria Bonita era pequeninha, meteu o roçador [instrumento agrário com cabo de madeira], o facão tirou os dois dedos de Maria, deixou só no couro. E a Nenésia, vó de Dona Maria Bonita, botou os dedos no lugar antes do dia amanhecer, pegou uns cabelos dela, ruins, e botou em cima, umas teias de aranha, as aranhas com a teia amarela, ela pegou, os dedos foram colocados no lugar. [...] A Maria Gomes, era mãe da Maria Bonita. E a Mãe D’água disse pra D. Maria Bonita que ele [Pedro] ia matar a mãe dela. Aí ele, o Pedro Panaga chegou, com a tropa dos animais, aí tã o facão, mais a D. Maria botou, é botou um roçador. Ele então falou que ia para o Porto Franco [Maranhão] vender umas cargas, depois de três dias iria voltar, e queria que D. Maria Gomes tivesse ido embora de lá, da Serra da Cinta. Maria Bonita tava de frente pra ele, essa pequena ainda, tava de frente pra ele, tinha quatro anos apenas. Maria Gomes, mãe de Maria Bonita perguntou: – Minha filha o quê que nós faz? Decidiram então que iriam pra casa da mãe de Maria Gomes. Maria Gomes ordenou: – Panha a lamparina, o facão, a espingarda e a caixa de fósforos. Maria Bonita panhou as coisas dela e o roçador, mas não podia soltar as coisas e mostrar as mãos porque se o sangue caísse ela não podia tirar a mãe dela de lá. D. Maria Bonita assim mesmo pequeninha segurou a lamparina e [...]. As duas então partiram por uma estrada estreita. Aí quando chegou dentro d’água, Maria Bonita que era muito pequena e boba, imaginou assim: se metesse o dedo dentro d’água a Mãe D’água sarava os dedos dela. Ela pensou que ela fosse uma deusa mesmo. Mas não, elas são poderosas mas não são também isso tudo, não

⁵ Cabocla Aninha é tida como muito poderosa na Tenda São Jorge Guerreiro, principalmente por Dona Narcisa e sua Filha Antônia (ambas filhas de santo de Maria Bonita). Em um ritual que aconteceu no dia de São Bartolomeu [24 de Agosto], Mãe Marina (entidade principal da tenda) nos contou que um homem resolveu terminar sua roça no dia de Santa Aninha e iria cortar uma árvore. Ele já havia trabalhado em sua roça no dia de Santa Ana e não havia acontecido nada. No entanto, uma árvore quebrou e uma lasca veio atravessar o homem. Segundo Mãe Marina daquele dia em diante a lasca do pau com o sangue do homem foi considerada milagrosa e a Cabocla Aninha, ou Santa Aninha, ajudou a criar os filhos da viúva e a cuidar da terra.

é? Aí ela meteu os dedos dentro d'água, meu filho aí a dor subiu. Ela atravessou a água e disse a mãe dela: Mãe eu tô doendo à barriga, a senhora deixa a espingarda e a lamparina e me leva nas costas porque eu quero ver a Nenesia, minha avó, antes deu morrer.⁶

Desde uma primeira leitura, percebe-se o quão rodeado de seres espirituais está a história de vida de Maria Bonita. A narrativa desta entidade demonstra que mesmo ela, a Cabocla Aninha, já havia comprovado que Maria Bonita, seu aparelho, era mesmo moradora da Serra da Cinta. Nesta época, por volta de 1943, ainda bem criança, ela começou a presenciar os maus-tratos e a dura realidade da vida – quase teve a mãe assassinada pelo possível dono da casa onde moravam. Com apenas quatro anos de idade, Maria Bonita recebe um aviso da entidade Mãe D'água que lhe fala: “sua mãe corre risco de vida”. Mesmo muito frágil, prepara-se para defender sua mãe.

Os relatos acima demonstram um completo isolamento social de Maria Bonita e de sua mãe. O pai de Maria Bonita morava no povoado Folha-Grossa⁷ e a casa da avó também aparece como sendo muito distante, pois é necessário levar uma boa quantidade de mantimentos para a viagem. A narrativa apresenta o lugar que Maria Bonita vivia como rodeado por encantados⁸ como as Mães D'água, ou seja, era para ela algo do cotidiano, uma realidade próxima. Percebemos isso quando ela coloca a mão ferida dentro da água esperando que este encantado lhe cure. A narrativa indica que pelo fato de ainda ser uma criança, ela não sabia que as Mães D'água não podiam realizar tamanho feito. E a Cabocla Aninha continua: “elas são poderosas, mas não são deusas, não são isso tudo”.

Cabocla Aninha costuma incorporar em D. Maria Bonita quando esta canta a seguinte doutrina: “São Cosme e Damião minha santa já chegou / Ê espírito do mar / Ê touro, é touro [2 vezes] / Quem quiser andar nesse touro / Tem clava de ferrão / Esse touro é malcriado é do Rei Sebastião / De onde é este touro? É da praia do Maranhão”. Nesta doutrina, a Cabocla Aninha aparece associada a São Cosme e São Damião, santos infantis assim como Aninha. Também aparece ligada a família encantada de Rei Sebastião. Na primeira estrofe, Maria Bonita às vezes substitui a palavra “santa” por “força”, e na segunda ela troca “espírito” por “fundo”, o que subentende que seu encante fica no fundo do mar.

⁶ Diário de Campo – Sessão pública – 25/05/2010.

⁷ Entrevista realizada dia 16/09/2010 com Maria Bonita. Folha-Grossa fica localizado a poucos quilômetros da cidade de Tocantinópolis-TO.

⁸ São seres que tiveram vida terrena, mas que desaparecem e voltam não como espíritos de mortos mas encantados, moram em encantos que são o lugar onde ocorre a “passagem”. É o caso da família de Legua-Bogi narrada por Maria Bonita que se encantou no Dilúvio Bíblico em uma “loca” (caverna) de pedra.

A entidade em questão pode ser tratada como uma cabocla (entidade que teve vida terrena. São exemplos: indígenas, ciganos, princesas etc.), um erê (entidade criança) e pode ser vista como uma santa. Em todo caso, segundo os preceitos da umbanda praticada por Maria Bonita, a entidade deve ter sido “doutrinada” para fazer somente a caridade ou o bem, uma espécie de passagem do sagrado selvagem para o sagrado domesticado (BASTIDE, 1992, p.145). Relato semelhante pode ser observado na pesquisa de Ahlert (2016) em um terreiro de Terecô em Codó:

Não é incorreto dizer que [...] os encantados se transformam na relação que constroem com seus ‘cavalos’ – como podem ser denominados aqueles que os recebem. Luiza, por exemplo, afirmava que só construiu sua tenda depois que os encantados concordaram com a condição, por ela estabelecida, de que eles não lhe causariam constrangimentos durante os seus trabalhos como mãe de santo. Igualmente, em outro momento, negociou com um encantado que, quando ele fosse recebido, ele não deveria beber – hábito que lhe era caro –, já que ela, ‘pura’ (ou seja, sem receber a entidade) não bebia (AHLERT, 2016. p. 284).

A entidade Cabocla Aninha é famosa no terreiro Tenda São Jorge de Tocantinópolis-TO, pelo trabalho de cura e caridade. Ela é agraciada sempre que vem bailar no terreiro com brinquedos e doces, mas, também pelo fato de ser criança, deve ser doutrinada para que mantenha um mínimo de disciplina esperada pelo público que lhe procura.

Em todas as sessões públicas observadas no terreiro, segue-se um “roteiro” (uma linearidade na descida das entidades). Cantam-se as doutrinas uma após outra sempre na mesma ordem. Cabocla Aninha aparece sempre após a entidade Cabocla Mãe Marina e antes de Pombagira Moça Rica da Maré. Neste artigo, as entidades virão fora da ordem do rito da casa, porém, cada uma a seu modo, veremos ser uma manifestação de nossa biografada.

A fala de Cabocla Aninha acontece dentro do terreiro em sessão pública semanal, onde muitos estão presentes. É um típico ritual de cura da tenda, mas que tem muita ligação com o Catolicismo popular⁹ e o Terecô de Codó¹⁰. Assim, enquanto relata a vida da mãe de santo, seu aparelho, Cabocla Aninha revive momentos que podem

⁹ Catolicismo popular é a ressignificação realizada por pessoas das classes populares onde a figura dos santos ocupa lugar central nos cultos, as imagens sendo objeto de adoração e promessas. Em virtude da falta de padres nos rincões do Brasil, surgiu uma forma própria de adoração aos santos ou personalidades como o Padre Cícero do Juazeiro. Ver: BRANDÃO, 1986.

¹⁰ O terecô é a mais popular das denominações dadas à religião afro-brasileira encontrada em diferentes cidades do Brasil, mas que se afirma provir do município maranhense de Codó. Chamado ainda de tambor da mata, encantaria de Barba Soeira, brinquedo de Santa Bárbara ou verequete. Para mais, ver: Ahlert (2016).

estar no íntimo da memória da Maria Bonita, quase no esquecimento, ou pode também está escrevendo novos momentos e novos sentidos aos acontecimentos, reconstruindo assim a história do seu aparelho.

Apesar da Cabocla Aninha dizer, no começo do relato acima, que a mãe de santo não foi criada na Serra da Cinta¹¹, por conta da briga com Pedro Panaga, a própria Maria Bonita afirma que, “eu fui criadinha no sertão sem vê televisão, sem vê nada. Era só coisas [encantados] que eu via. Ó eu dizia assim: – Gente hoje vai morrer tantas pessoas. A mamãe, cuãzinha amanheceu danada, hoje pode apreparar o panelão de arroz para dá porque vai morrer um”¹².

Essas narrativas apontam pelo menos que a frase: “é longe demais, é onde Judas perdeu as botas”, do relato da Cabocla Aninha, tem uma aplicação reduzida, ou seja, o lugar que ela nos descreve tem a ver apenas com o primeiro lar em que Maria Bonita viveu, onde morava sua mãe. No segundo relato, de Maria Bonita, podemos perceber que o sertão em questão abrange um território muito maior, possivelmente toda a Serra da Cinta no Maranhão, ou quiçá, a definição de Guimarães Rosa (1994, p. 96): “O sertão é do tamanho do mundo”. Não temos certeza sobre que sertão se refere Maria Bonita como lugar de sua criação. Provavelmente, trata-se do sertão em que sua avó morava, a casa para a qual ela e sua mãe se dirigiram depois da briga com Pedro Panaga, já que no segundo relato não aparece a figura deste homem, e ainda pelo fato de D. Maria ter fugido com apenas quatro anos de idade.

Na proximidade com sua avó, nossa personagem deve ter aprendido saberes próprios da religiosidade popular, semelhante à cura que foi feita com seus dedos. No entanto, Maria Bonita relata que quem primeiro lhe tratou, lhe rezou não foi sua avó:

– [Pesquisador] A senhora já morou na roça, não já? Já viu aqueles Legua-Bogi nas plantações, como é que era aquela vida lá?

– Trabalhava com ele era escondido, com Legua-Bogi, fazia escondido, não tinha documento e era proibido não é? [...] o homem que veio do Maranhão chamava Manuel Buriti, [...] era o nome dele, filho do Legua-Bogi, pensa num veio que sabido, tratou muita gente [...]. O Chico Queiros¹³ mandou matar ele de peia lá, porque era até proibido, a pajelança¹⁴, baiar água não é, mesmo essas pajés que tem hoje que dá [pequeno espaço de tempo], era proibido, em 58, 59 pra 60 ele lá, ele mandou a polícia atrás dele, a polícia entrou pelo lado do

¹¹ Fica hoje dentro dos limites territoriais de São João do Paraíso-MA e a 85,9 km de Porto Franco-MA.

¹² Entrevista realizada dia 16/09/2010.

¹³ Francisco Silva Queirós foi prefeito de Tocantinópolis – TO na década de 50 (Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/to/tocantinopolis/historia.htm>. Acesso em: 05/03/2020).

¹⁴ Pajelança maranhense ou paraense é também conhecida como cura, linha de cura, linha de pena e maracá, linha de maracá ou linha de mãe d'água. Todos são cultos voltados para a cura. Ver: (VENANCIO, 2013).

Luzinópolis [Tocantins], que as matas era fechada tinha muita lama, nem tinha estrada pra carro, de Luzinópolis pra ir pra lá de pé é perto, menos de uma légua ai a polícia tava de pé [...]. Foi quem me tratou, primeiro rezador que me rezou, eu tinha uma palmo de arca-caída e era toda desigual, tudo que me media em mim não dava igual, cabeça, corpo, media na faixa e na fita verde que ele media, ai esse, essa polícia pegou ele e levou preso, deixou o terreiro dele ficou quase sem nome com as médiuns.¹⁵

Essa narrativa traz informações de que Maria Bonita teria se impressionado com os dons de Manoel Buriti, vindo do Maranhão, que foi quem primeiro lhe rezou, isso por volta de 1960. Maria Bonita deveria ter seus 20 anos. Sua memória desse período parece ser melhor acionada do que a de quando morava em Serra da Cinta.

Em conversa realizada no dia 01/03/2012, Maria Bonita relata que tinha três mil pessoas, “filhos de pegação” (indivíduos chamados assim por suas parteiras), se ajoelhando em frente ao caixão de sua avó. Disse que naquela época não tinha médico. Dona Maria também disse que sua avó Nenesia (apelido de Eulalia), chamada de mãezinha por Maria, tinha um altar e as pessoas perguntavam quem decorava. A avó respondia que era sua neta de apenas 3 anos. A avó passou a “pegação” de meninos para Maria Bonita, e esta trabalhou uns 8 anos para o CESP (Centro de Especialidades em Saúde Pública, são os postos de saúde de hoje) de Tocantinópolis nessa função e sem remuneração. Nenesia morreu com 85 anos. Vemos que Maria Bonita conviveu pelo menos 4 anos com sua avó, já que logo ela veio a falecer, como contou nossa interlocutora na mesma conversa.

É importante voltar à primeira entidade, Cabocla Aninha, e à relação desta com Maria Bonita, algo que não pode passar despercebido nesta análise de história de vida de uma mãe de santo. Segundo Augras (1983, p. 18) “nos cultos [...], não existe ruptura entre o duplo e a metamorfose. Manifestando o deus ao qual pertence, o fiel despersonaliza-se, e, deste modo, transforma-se naquilo que ele é realmente”. Para Boyer-Araújo (1995, p. 6) “essa personalização dos espíritos reflete a singularização indispensável ao sucesso das médiuns e das mães de santo, que vão pouco a pouco constituir o caboclo como parte integrante da identidade pessoal delas”.

É preciso dizer que essa discussão é cara à Antropologia. Segundo Goldman (1985, p. 26-27) alguns antropólogos estudiosos das religiões afro-brasileiras (tanto Bastide quanto Herskovits) já caíram no reducionismo de trabalhar apenas o caráter socialmente adaptativo do transe, ou seja, indivíduos marginalizados encontrariam no transe uma forma de “inverter sua posição social”. Outros pesquisadores, como Peter

¹⁵ Entrevista realizada em 17/05/2011.

Fry e Yvonne Velho, vão defender a inversão hierárquica presente na possessão, mas não como um modo de adaptação social e sim como um protesto de certas camadas sociais (GOLDMAN, 1985, p. 27). A ideia de inversão hierárquica esbarra na compreensão de que o filho de santo ou médium, quando está em transe, também experimenta uma sujeição por parte da entidade (RABELO, 2008, p. 95). O “cavalo” não tem total domínio sobre o poder da entidade, isso porque, segundo Goldman (1985, p.48), o orixá sequer irradia todo o seu poder, mas apenas uma ínfima parte do mesmo.

Compreendemos, portanto, que a relação da Maria Bonita com as entidades que guiam, narram e fazem parte de sua história, como a Cabocla Aninha, são constituintes de sua singularidade, construtoras de sua identidade e da especificidade dos seus dons; mas também, nesta relação, há sempre um espaço simbólico para ressignificação e negociação com esses guias espirituais. É o que se observa a seguir nas reelaborações da memória presentes nas narrativas da história de vida da médium.

Maria Bonita sente necessidade de estudar

Seguindo a vida de Maria Bonita, chegamos ao ponto onde ela sente a necessidade de estudar. Segundo seus relatos, sua mãe não queria que ela saísse de casa para estudar, pois imaginava que iria aprender a ler e escrever somente para mandar cartas para os homens. Dona Maria Gomes, segundo Maria Bonita, não entregou a filha nem para o pai Fernando, que tinha melhores condições de oferecer um colégio, nem para qualquer outra pessoa, seguindo o costume de permutar os estudos de crianças por trabalhos variados em famílias mais abastadas. Como Maria Bonita não seguiu este caminho, ela passou vinte anos no sertão. Todavia, segundo seu relato, não deixou de estudar, pagou por conta própria vários professores para lhe darem aulas particulares, dentre estes cita: Olavo Benônimo, Nonatinha, Percilha, sua comadre Isaura e Oneide, possivelmente seus tios (não se sabe se por consideração ou sanguíneos). Maria disse também que tinha muito interesse em um curso que a Marinha Brasileira estava oferecendo, curso este que seria feito em Belém-PA:

[...] eu tive todas as condições de ter me formado, eu ia para Belém, fiz um curso aqui pela SUCAM [antigo órgão de vigilância sanitária domiciliar], era pra Marinha. Toda vida essa Mãe Marina me puxava. [...] E eu tinha que vim pra cá [Tocantinópolis] daqui eu descia de motor pra Belém. A mãe não deixou não meu filho, nem de jeito nenhum. Lá a gente estudava a custa do governo. Lá em Belém tinha o colégio eu ia trabalhar no mar, trabalharia nos navios. [...] Mas a mamãe não deixou eu ir, era longe, era treze léguas daqui lá onde nós morávamos, na Mata da Perua, mas nós vinha de pé, dentro do tucum, vinha

muita gente vender carga, a gente vinha mais o povo da família, traziam a gente direitinho, entregava bem aí no porto, ainda hoje tem essa coisa da Marinha aí na beira do rio.¹⁶

A preocupação de Maria Bonita com os estudos esbarra na não aceitação da mãe de que ela deixasse o lugar onde morava. Há ainda o problema da distância do lugar em relação à cidade de Belém no Pará¹⁷. Na época, década de 1960, a rodovia Belém-Brasília ainda estava sendo construída, o que só permitia a ida para Belém de barco, que era demorada e perigosa. Maria Bonita nos falou que se não fosse por esse aprendizado que conseguiu, quando pagou professores particulares, ela estaria “fritinha”, porque hoje é muito necessário.

Notamos que Maria Bonita queria ser parecida com essa entidade (Mãe Marina), ela não se importava de deixar sua mãe sozinha, ela queria se “formar”, trabalhar no mar, ou seja, queria era seguir os passos de sua madrinha espiritual, atender seu chamado. Todavia, sabemos que ela não conseguiu atender aos pedidos de Mãe Marina, preferiu ficar ao lado de sua mãe. Ou melhor, foi obrigada. Mais uma vez percebemos em suas memórias que Maria Bonita sofreu as influências de suas entidades, no entanto, não seguiu à risca o que deveria ser feito, com a justificativa de obedecer à sua mãe.

A natureza das histórias, acima narradas, não é exclusividade de D. Maria Bonita, pelo contrário, elas são recorrentes neste universo mágico-religioso. Heraldo Maués e Gisela Villacorta (1998, p.17) relatam a história de vida da pajé D. Maria Rosa, que morava em Belém-PA e que, por conta de um “resgate cármico”, decide mudar para Colares a fim de desempenhar sua missão como pajé. D. Maria Rosa afirma que em outra vida foi filha de um cacique Tupinambá, a mais querida deste por sinal. Doravante, a aldeia em que viveu recebe a visita de um pesquisador francês, ambos, o pesquisador e a índia Tupinambá, se apaixonam e decidem fugir para a casa do pesquisador. Muito tempo depois, ele recebe a proposta para ir trabalhar longe de casa, a índia então cai em pranto, e então morre de saudade do amado.

Outro relato semelhante é narrado por Rachel Barros (2007), onde ela apresenta a história de um babalorixá que se diz filho espiritual legítimo de uma Pombagira chamada Figueira Maria. Isso porque toda sua vida profissional é uma comprovação

¹⁶ Entrevista realizada dia 16/09/2010.

¹⁷ Além das treze léguas da sua moradia à Tocantinópolis (cerca de 50 km), havia ainda a distância a ser percorrida de barco desta cidade até Belém-PA, o que pela rodovia perfaz cerca de 700 km. No entanto, Maria Bonita poderia ter buscado melhores condições de estudo em cidades mais próximas, como: Imperatriz-MA, Araguaína-TO e Araguaatins-TO. A primeira e a última cidades também acessíveis pelas águas do Rio Tocantins.

tida por ele mesmo para atestar que Figueira Maria foi sua mãe em outra vida. O babalorixá em questão diz que já transitou por todos os níveis administrativos do Estado de Alagoas: “entrei como auxiliar de contínuo na Assembleia Legislativa não é côrte? Depois, entrei no Palácio [do governo]: côrte! [Por fim] no Tribunal de Justiça: côrte! Transitei nesses três poderes! Não é isso? Fui filho dela mesmo, não foi?” (BARROS, 2007, p. 7). Os relatos acima mencionados mostram como a influência da mitologia dos encantados transcende o plano do ritual e influencia na forma de realizar os trabalhos e na identidade social dos agentes mágico-religiosos.

Os relatos de Maria Bonita demonstram que seu comportamento foi também influenciado por valores familiares, pelas crenças e condições específicas do grupo a qual faz parte, o que delimita seu espaço de opções na forma em que deve agir, ou seja, todos os passos são mediados pela conduta que é legítima dentro da comunidade. No entanto, “nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação” (LEVI, 1998, p. 179-180).

A vontade de Maria Bonita em seguir plenamente o chamado das entidades esbarra nos interesses de sua mãe Maria Gomes. A mesma, por não ter igual conhecimento da importância que é seguir os preceitos religiosos, acaba por deixar sua filha em más condições, pois quando não se cumpre um chamado, algo de muito terrível pode acontecer na vida deste indivíduo, como Maria Bonita aponta à frente. Logo, podemos supor que, por mais que a avó de Maria Bonita tivesse dons de cura, fosse parteira, tivesse um altar para rezar, ornamentado por Maria Bonita quando tinha três (ou quatro) anos, ela morre antes de passar todos os conhecimentos necessários para que o resto da família entendesse o que deveria ser feito. A iniciação de Maria Bonita então é adiada. Ela sequer aprende a ler no tempo certo, o que expressa a realidade da época onde, somado à insuficiência de instituições educacionais, os sertanejos não viam a educação como fator de mobilidade social.

A “Chefe Espiritual” de Maria Bonita: Mãe Marina

Depois de muitas idas e vindas, de acertos e transtornos, hoje, D. Maria Bonita reconhece Mãe Marina como sendo a chefe espiritual do seu terreiro¹⁸. É ela quem dá

¹⁸ D. Maria Bonita afirma que ela é doutora, é guerreira. Sua história é binária, pois, agrega elementos da revolucionária Joana D’Arc, que lutou disfarçada de homem na Guerra dos Cem Anos e também de Marina que, segundo a própria entidade, trabalhou comprando e vendendo negro nos navios negreiros, na

conselhos e prescreve os medicamentos aos pacientes tratados pela mãe de santo, é também quem comanda e puni os abusos das Pombagiras e dos Exus. Mesmo não cumprindo o chamado de Mãe Marina para ingressar na Marinha Brasileira, Maria Bonita diz ser a única pessoa que incorpora essa entidade: “é eu que incorpora Mãe Marina em Tocantinópolis e em qualquer outro lugar”. Temos notícia de um terreiro em Araguaína-TO com o nome Tenda Espírita Umbandista de Santa Joana D’Arc, chefiada por Valdeci Reis. Interessante notar que esta foi iniciada na umbanda também por Mestre José Odenir, o mesmo que iniciou dona Maria Bonita. Mestre Odenir, conhecido ainda como babá Deni, morava em Marabá-PA, mas ia para Araguatins-TO toda quarta-feira na década de 1970 (VENÂNCIO, 2013, p. 109).

É notório o lugar de autoridade que Mãe Marina desempenha no terreiro Tenda São Jorge Guerreiro e na vida da mãe de santo. O Caboclo Sete Flechas, entidade muito popular e prestigiada em alguns terreiros de umbanda, possui uma imagem dentro do Terreiro São Jorge Guerreiro, mas por ordem de Mãe Marina foi colocado para fora. Maria Bonita acredita que se não tivesse cumprido a determinação de Mãe Marina teria sido punida. E por que não foi antes quando não seguiu seus passos na Marinha? Mãe Marina também foi doutrinada? O que sabemos, seguindo os relatos de Maria Bonita, é que Mãe Marina posteriormente decidiu questões relacionadas à vida social da mãe de santo, quando, por exemplo, ela pretendeu mudar-se de Tocantinópolis:

Não sei se meu fim vai ser aqui mesmo, ou se eu preciso sair daqui. Já tô interando quarenta anos que estou aqui, cheguei aqui novinha, ainda tinha o meu filho e isso tinha muita encrenca. Eu quis ir pra Goiânia, não me deixaram. Eu quis ir pra Belém, não me deixaram.¹⁹ Eu quis ir pra São Luís, não me deixaram. Isso aqui só era umas barrocas velhas a coisa mais feia do mundo.²⁰

Há outros exemplos, em seus relatos, do não cumprimento do desejo de uma entidade, mas talvez por não ocupar lugar central no *panteon* do terreiro, as consequências não foram drásticas. Um destes casos, segundo D. Maria Bonita, foi quando a Cabocla Jurema pediu que a mãe de santo construísse o terreiro de palha e de forma arredondada. Maria Bonita não fez como a entidade pediu. Isso porque, segundo

rota Brasil/Portugal e vice-versa. D. Maria Bonita nos contou que a Cabocla Mãe Marina substituiu a Cabocla Mariana. De acordo com Mundicarmo Ferretti (2000), as duas seriam irmãs, pelo fato de serem filhas do mesmo pai, Rei da Turquia. Mariana é filha de sangue, enquanto Mãe Marina, também conhecida como Rainha Douro, é apenas adotada.

¹⁹ Mesmo dizendo que não saiu para Belém, Maria Bonita afirma ter sido iniciada por José Odenir Rodrigues também conhecido como Baba Deni, pai de santo de Marabá-PA. Dona Maria Bonita disse que “deitou” treze dias [ficou reclusa] e passou 2 meses com ele em Marabá fazendo a “formação” (Entrevista concedida em 25/02/2020). Sobre a umbanda em Marabá, ver: LIMA *et al*, 2015.

²⁰ Entrevista realizada em 16/09/2010.

ela, era uma época muito conturbada [década de 60], caso fizesse correria o grande risco de a Tenda ter sido queimada por conta das perseguições à prática de religião afro-brasileira na cidade. Neste caso, Cabocla Jurema não fez nada além de afastar-se do terreiro, deixando de ser uma figura frequente, para vir apenas esporadicamente. Seu lugar foi ocupado por Mãe Marina. A partir de então, Mãe Marina passou a ser a principal entidade de cura do terreiro. Ao se referir a ela, Maria Bonita diz que ela é suas pernas. É a própria Mãe Marina quem nos diz sobre o ano que Maria Bonita chegou em Tocantinópolis e fundou o terreiro.

- Ele me acolheu, hoje eu tenho uma coroa, tenho um centro que eu trabalho aqui dentro de Tocantinópolis fui apoiada pelo um bispo.
- [Pesquisador] A senhora lembra o ano que era?
- Que eu cheguei aqui?
- [Pesquisador] Era.
- A Dona Maria chegou?
- [Pesquisador] A Dona Maria chegou, isso.
- Foi 69, 69 é a Valmerinda [filha de Maria Bonita] é de junho, julho, agosto, setembro de 69 foi chegaram ela comprou isso aqui esse pedacinho de chão, ela tava lá na cidade alta ficou três anos ela nasceu lá, não comprou casa ali na cidade alta comprou isso aqui, tombado de pau, ela é de junho a Valmerinda, 29 de junho, junho, agosto, setembro, outubro. Quer dizer ela comprou isso aqui uma casa de palha e fez primeirinho um centro depois a Mariana se viu apertada aí comprou querendo atirar nela, matar o povo aqui no terreiro.²¹

Em outra entrevista, Maria Bonita fala do primeiro dia em que Mãe Marina apareceu para ela como uma entidade.

- Menino, foi o primeiro dia que ela desceu em mim foi lá, na frente da igreja São Sebastião, São Sebastião é guerreiro, e ela é guerreira, e ela é da coroa do bispo.²²
- [Pesquisador] Dom Sebastião, não?
- São Sebastião.
- [Pesquisador] São Sebastião, o santo.
- São Sebastião o santo, São Sebastião lá era festejo, dia 20 de janeiro, isso foi no dia 20 de janeiro, a Valmerinda nasceu em 69, foi em 70. Foi em 70, pois é, aí eu não vi mais nada, meu irmão me pegou, me segurou, me botou no chão, me amarrou de corda e me jogou dentro do jipe, quem veio me desincorporar foi a Elade, dentro de casa, me levou lá pro balneário da Elade.²³

²¹ Entrevista em 21/09/2010.

²² Trata-se de Dom Cornélio Chizzini, que foi Bispo de Tocantinópolis. Padre Cornélio chegou ao Brasil em 1956, após a morte de dois outros padres que estavam aqui, vítimas de afogamento no rio Tocantins. Bispo Dom Cornélio reconheceu que a importância da comunidade católica devia ser compreensiva, e estar sempre a disposição de visitar e viver em plena harmonia com outras manifestações religiosas (SCAMPA, 1991, p. 56). Dom Cornélio morreu em 1981.

²³ Entrevista de 29/11/2010.

Vemos a influência da Igreja Católica, representada pelo Bispo Dom Cornélio, no desenvolvimento espiritual de Maria Bonita. Maria Bonita fala que ele fez a santa sair dela, ou seja o santo subir. Neste caso, ele teria feito um exorcismo? Da forma como Maria Bonita nos conta em outros momentos, parece mais que o Bispo já conhecia a entidade e os preceitos para lidar com a situação. Maria Bonita fala que se não fosse ele, não tinha permanecido com o terreiro. Chama o mesmo de irmão de santo. Tais relatos podem indicar uma proximidade do povo de santo com a igreja católica local neste período, ou ser uma forma da Maria Bonita, pela narrativa de sua história, legitimar-se socialmente como mãe de santo, ligando sua formação religiosa ao prestígio histórico do bispo Dom Cornélio.

As diversas experiências, boas e ruins, narradas por Maria Bonita e as entidades, constituem e justificam, para si e para outros, sua identidade. Estas narrativas:

[...] sobre seu processo de desenvolvimento espiritual tornaram-se fundamentais para compreender como ocorreu a construção da identidade enquanto dirigente. Para explicar como ocorre esse processo formador, Josso (2004) destacou que: ‘formar-se é integrar-se numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros [...] Aprender designa, então, mas especificamente, o próprio processo de integração’” (VENÂNCIO; ARRUDA, 2017, p. 207-208).

A vida íntima

A vida íntima de Maria Bonita não se restringe apenas à sua condição religiosa. Segundo ela, sua vida foi difícil e cheia de percalços. Não foram poucas as vezes em que teve de enfrentar desafetos e muitas foram as intrigas com os homens. Teve oito companheiros, entre eles seu Sebastião (“Bartião”) com quem viveu cerca de trinta e cinco anos²⁴. Obtivemos os nomes de mais cinco companheiros que são: Valfredo Brito (com quem conviveu por seis anos, tiveram três filhas), Sr. “Salta-Chão” (de quem Maria herdou um apelido), Enoque, Zé Sabóia e Juarez (este foi o último até o momento).

Dona Maria Bonita foi alvo de muitos apelidos²⁵ e até mesmo considerada prostituta. Essa condição pode ter sido atribuída pela sociedade a ela, devido a posição que Maria Bonita ocupava em alguns relacionamentos. No relacionamento com seu Sebastião, por exemplo, ela sabia que ele tinha outra mulher, e mesmo depois de se separarem, Dona Maria ainda levava comida para ele. Com Valfredo Brito não foi

²⁴ Conversa de 10/01/2015.

²⁵ Beijo de rosa, Salta-chão e Maria Bonita.

diferente, além dela, ele tinha mais uma amante. Nesse sentido, é importante também observar o relato no qual Maria Bonita conta que:

[...] tinha um doutor que era marido da promotora de justiça. Eu ia comprar carne lá na Beira do Rio, lá naquele mercado, lá embaixo. Comprava todo dia. Quando eu passei de frente à delegacia, ele disse: – A Maria, salta chão, que mexe meu coração, posso é não comer essa mulher, mas eu não vou me salvar. [...] Eu voltei, peguei na mão dele que tava na calçada, puxei, derrubei ele no chão, pisei em cima dele com a sandália de salto alto, pisei nele todinho. Era o doutor Ézio, era o doutor dentista do CESP, era o marido da Dinaí, a mulher mais valente que tinha em Tocantinópolis. Ele correu, bateu uma coisa lá no escritório dele, denunciou de mim pra Dinaí. Dinaí, então respondeu: – Eu não vou ti atender, porque tu, por ser um doutor, teria que se respeitar, pra isso tu não ficaria numa esquina jogando charada numa prostituta que vai passando na rua, cadê teu moral, cadê teu caráter, se tu quer a mulher tu procura a mulher na casa dela e conversa a mulher.²⁶

Os termos usados por Maria Bonita para demonstrar a fala do homem que lhe cantava, como: “comer essa mulher”, ou “jogando charada numa prostituta”, denotam que Maria Bonita era percebida como uma mulher promíscua. Todavia, ela foi enfática em afirmar que trabalhava para sustentar a família e que “não olhava para homem nenhum e nem ficava em mesa que tinha muitos homens”. Ela tinha um homem e dele herdou o apelido de Salta Chão²⁷, mas isso não impossibilitou de outros homens lhe cantarem.

O “doutor” do relato parece que não estava em uma situação de pleno relacionamento com sua mulher, a promotora de justiça, tanto que a própria afirmou que se ele quisesse realmente a mulher (Maria Bonita), ele deveria ir à casa dela. Maria Bonita relata ter batido no homem depois de ser cantada, mas segundo consta na narrativa, ele não estava sozinho, o doutor estava acompanhado de seus semelhantes. Ele dirigiu-se a ela em tom de provocação, para se divertir com os amigos que, como ele, deveriam dispensar tal tratamento a uma mulher na condição de Maria Bonita. “Prostituta”, “mulher fácil” era a imagem social de D. Maria Bonita quando não estava em seus trabalhos religiosos, embora talvez tenha contribuído para isso os preconceitos envolvendo a vida sexual, principalmente, das mulheres das religiões afro-brasileiras.

²⁶ Entrevista realizada em 29/11/2010.

²⁷ – [Pesquisador] Dona Maria seu nome é mesmo Maria Bonita ou é apelido? – Foi em 69. É que me botaram esse apelido, eu tinha o apelido de “salta chão” [nome de um pássaro], mas eu brigava com os doutores. É porque eu morei mais um homem chamado salta chão (Entrevista de 29/11/2010).

Por outro lado, quando estava envolvida com as atividades de seu terreiro, ela era a “feiticeira”, “macumbeira”.

A entidade Moça Rica da Maré é uma Pombagira que carrega o estigma de ser prostituta. Maria Bonita nos conta que esta entidade lhe ajudou uma vez a se livrar da agressão policial dentro do seu terreiro. Todavia, Mãe Marina cuida para que Pombagira não extrapole os limites morais de etiqueta presente no culto. O que fica claro é que, pelas características atribuídas à Pombagira, ela interferiu mais na vida de Maria Bonita do que o episódio da agressão policial relatado. Podemos entrever isso pelas histórias de seus relacionamentos amorosos que envolvem sua autonomia perante os homens, falta de compromisso afetivo com eles e até desrespeito a eles:

Fora dos rituais e do terreiro permaneceria alguma coisa da intimidade das duplas nas ‘visões’, ‘conversas’ e ‘sonhos’ das médiuns com os seres invisíveis. Com efeito, os caboclos mandariam às filhas-de-santo mensagens referentes à própria médium: suas relações com seus próximos, o que ela deve fazer, tanto na sua vida profissional ou sentimental quanto na sua carreira religiosa. Tirando vantagem desses ‘diálogos’ íntimos com os espíritos na vida cotidiana, as médiuns vão impor a mediação dos caboclos, doravante seus companheiros, na gestão das tensões e conflitos aos quais são confrontadas (BOYER-ARAÚJO, 1995, p. 7).

Observa-se que tanto em relação aos homens quanto com os encantados, não existe um comprometimento absoluto de Maria Bonita. Em alguns casos, ela acata os conselhos dos encantados, como em não sair de Tocantinópolis, mas em outros não, como no caso da construção da tenda coberta com palha.

Maria Bonita, além de trabalhar na religião, curando, benzendo e realizando toda sorte de pedidos, também trabalhou em outros setores, como ela mesma relata:

[...] o povo me pergunta assim: – Maria tu só pobre, como foi que tu formou as filhas? Trabalhando! Eu trabalhei. Tudo que elas precisaram eu paguei, eu não roubei nadinha. [...] Trabalhei mesmo na reza, trabalhei mesmo vendendo uma cervejinha, vendia um *dicumezinho* [comida caseira], aqui pra mim fazer um dinheirinho. Tudo pra elas, porque eu não tenho nada. Não comprei uma fazenda, não comprei um carro, só em fins de formar elas, com raiva que eu não aprendi.²⁸

Podemos dizer que Maria Bonita era chamada de “prostituta” não porque era uma profissional do sexo, mas porque, além de não ter uma estabilidade conjugal, ela ainda vivia do trabalho de vender comida em sua própria casa, que era uma espécie de bordel, como veremos a seguir. Maria vendeu comida em sua própria casa, (desde a

²⁸ Entrevista de 16/09/2010.

década de 1960, pouco depois de chegar em Tocantinópolis) ainda de palha. Ali, ela vendia umas cervejinhas, comida caseira, algo que fazia pra sustentar a família e formar as filhas.

Ela nos contou que havia um senhor que trabalhava no Banco da Amazônia (este banco se instalou na cidade na década de 1970) e que gostava muito de comer rã. Então, foi obrigada a comprar uma panela apenas para preparar essa iguaria, pois não queria decepcionar este cliente e nem os outros que tinham nojo do prato, assim como ela própria. Tal história denota que pessoas consideradas importantes na cidade estavam entre seus clientes. Segundo nossa interlocutora, sua casa estava sempre muito cheia, principalmente de prostitutas. Tinha muitos carros na porta e a presença de policiais também se fazia sentir. Diz ainda que sua casa era muito frequentada por mulheres casadas e que, algumas vezes, teve de ajudá-las a saírem de lá sem que ninguém as reconhecesse. O que nos leva a supor que, se Maria Bonita não vendia o corpo, não estava muito longe do mercado do sexo, já que sua casa funcionava como um ponto de encontro entre prostitutas e clientes da sua comida caseira e bebidas, além de haver mulheres casadas em encontros com amantes.

Promessas e perseguições

A vida de Dona Maria Bonita está interpenetrada do sagrado e do profano, pois a mesma mulher que aluga sua casa para encontros amorosos, que é amiga da prostituição, também é uma crente descrente. A contradição marca a vida desta mulher, como demonstra Dona Pacilicia (filha de santo *in memoriam*)²⁹:

A reza dela é uma promessa que ela fez com a Nossa Senhora da Conceição. Foi uma promessa que ela fez por causa de tá pra ganhar neném, e aí não tava com condição de ganhar neném e ela não acreditava nos espíritos. – Ela não acreditava. Então ela disse que fez aquela promessa, ela já tava como morta. Ela tava com duas crianças, aí tinha tido umas das crianças e a outra não. Ela disse que tava como morta. Mas ela alembrou, ela fez a promessa pra Nossa Senhora da Conceição e disse que: – Se ela vivesse, ela ia acreditar que tinha [os espíritos]. Era Nossa Senhora da Conceição na linha do espiritismo, ela é Iemanjá. Ela é a mesma Iemanjá. Ela disse que na mesma hora ela ia acreditar

²⁹ D. Pacilicia, ou “Cilícia”, como também chamada, era a mais assídua filha de santo da Tenda São Jorge Guerreiro. Pacilicia é natural de Caxias no Maranhão. Descobriu que tinha mediunidade com quarenta e poucos anos, em 2010 tinha 69 anos. Tem um filho. Já foi lavadeira de roupa e era aposentada ao tempo da entrevista. Nasceu em Caxias, mas acabou de ser criada nas cidades de Vitória do Mearim-MA e Vitorino Freire-MA. Ela ainda morou em um sítio em Lago da Pedra-MA, onde ainda novinha se casou. Em 08 de dezembro de 1978, chegou à Tocantinópolis [dia de Nossa Senhora da Conceição]. Começou a trabalhar (frequentar o terreiro) porque estava doente, segundo ela, começando a endoidar.

naquele negócio. Aí chegou aqui dois moços e uma enfermeira fizeram o parto dela. Aí ela viveu.

Pesquisador: – Esses moços são pessoas de carne e osso mesmo ou era...?

– Não, era espírito.

Pesquisador: – Há, a senhora sabe o nome deles, assim?

– Não, eu não sei qual era os médicos, ela disse que era dois homens assim de traje de médico e uma enfermeira, e aí aqueles médicos fizeram o parto dela, operaram ela, e aquela enfermeira ficou vindo visitar ela, pra fazer, dá os remédios, passar os remédios pra ela, aplicar os remédios nela, todo dia eles vinha. Ela via, mas dormindo, ela tava dormindo.

Pesquisador: – Tipo um sonho né? Não era Mãe Marina ainda não?

– Não. Então quando dá no dia da nossa reza ali, que é pra Nossa Senhora da Conceição, aí tem a corrente dos médicos, aí sempre tem. É a primeira corrente que vem. Aí todo ano, sempre os primeiros que vêm, que desce aí, consulta, são eles. Eles fazem as consultas deles, aí vai embora, aí pronto. Depois, nós fica é pra brincar, aí vamos brincar nossa brincadeira, tem vez que o dia amanhece e nós brincando lá.³⁰

Tenho uma segunda versão deste relato, que foi obtido morando na casa de Dona Maria Bonita em 2015³¹:

Dona Maria Bonita conhecida em 1966 como Maria Beijo de Rosa estava sentindo as dores do parto, mas não dava a luz. Seu Pedro Ferreira, de Pedra de Fogo [município do Estado da Paraíba], pressentiu que Maria Beijo de Rosa iria morrer e seus filhos, mas ele benzia as vestis de Maria, que mandava de onde morava para ela bem como remédios. Maria segurou muita vela na mão, que queimava sua pele, porém não podia dizer. Ela disse que trocou a pele todinha nesse um mês de espera. No fim disse que teve Manuelzinho com 10 meses. Dona Maria disse que teve um osso quebrado. Osso da perna, da virilha. Uma rezadeira-parteira, na hora da oração usava um machado, a criança não queria sair, e nos movimentos da reza, a mulher acabou fazendo isso, dona Maria sentiu o estralo, mas o menino não queria sair. Maria andou caxingando por um tempo, mas não ficou com sequelas.³²

Podemos afirmar que Dona Pacílicia não foi testemunha ocular deste fato, por que o mesmo ocorreu por volta de 1966 e esta chegou em Tocantinópolis em 1978. Logo, é possível que a primeira versão seja uma memória passada por Maria Bonita à sua filha de santo. O primeiro relato demonstra que, mesmo já tendo contato com entidades, santos e caboclos, ter tido várias aparições de encantados, Maria Bonita não tinha plena fé nos espíritos, nas entidades. Entretanto, faz uma promessa para Nossa Senhora da Conceição que, neste caso seria Iemanjá, orixá considerada como a grande mãe, mãe de todos os orixás e de todos os humanos, pedindo que ajudasse no parto do

³⁰ Entrevista concedida em 08/11/2010.

³¹ Morei em sua casa de janeiro a dezembro de 2015, em virtude de começar a trabalhar em Porto Franco-MA, cidade vizinha de Tocantinópolis-TO. Pela relação de proximidade afetiva já estabelecida pelos anos de pesquisa e por Maria Bonita estar morando sozinha, a mesma não viu problemas de ceder um quarto de sua casa. Nesse período adotei um diário de campo e obtive relatos de vida em quase todos os dias.

³² Relato de conversas realizado em 30/09/2015.

seu outro filho. Há que ressaltar que D. Maria Bonita nos disse que já foi parteira e que muitos dos filhos que ela colocou no mundo lhe consideram como mãe.

Pensava Maria Bonita que, por ter trabalhado como parteira, teria maior credibilidade com a santa, mesmo não acreditando em espírito? Se ela não acreditava em espíritos, então não acreditava na corrente dos médicos que apareceram quando a santa em questão foi solicitada? O que fica evidente é que, mesmo vacilando na crença, ela recorre a essas forças e alcança o milagre, teve o filho são e salvo. A promessa surtindo o efeito esperado, D. Maria Bonita passa a acreditar mais nos espíritos.

A falta de fé de D. Maria Bonita nos espíritos é no mínimo paradoxal aos olhos do pesquisador. Se ela recorreu a Nossa Senhora da Conceição é porque tinha alguma fé nesta santa, ou ela entende santos fora da categoria de espíritos? Diante dessas contradições e questionamentos, podemos traçar algumas assertivas. No que se refere a santos e espíritos, Maria Bonita acreditou por algum tempo que os primeiros não fossem iguais aos segundos. Um indício de que ela recebeu mais influência do chamado catolicismo popular do que do espiritismo, da umbanda ou outra religião afro-brasileira. Embora, mesmo antes deste fato, ela já ter construído terreiro, já fazia mesa³³ e rezava para os santos na mata.

Em outro relato, Maria Bonita conta-nos que durante um ritual realizado na mata, certa entidade, provavelmente um caboclo, solicitou penas de peru para repassar o axé entre os presentes. A palavra axé é própria do candomblé, significa energia espiritual irradiada pelos orixás que dá força a seus filhos, o mesmo deve ser preservado através da manutenção adequada dos ritos e dos símbolos dos terreiros. No entanto, no terreiro Tenda São Jorge, Maria Bonita usa mais a palavra saravá, que representa uma saudação das entidades em dia de culto a quem está presente no terreiro, por exemplo, “saravá meu pai Ogum”, “saravá os que vieram”. Também representa a intenção de ter bom êxito nos trabalhos.

Se em um momento Maria Bonita parece pouco crédula, em outros exorta sobre os riscos que as pessoas com mediunidade podem correr se não cumprirem o que os espíritos ou os santos requerem:

[...] É porque é assim, a pessoa espírita se ela não trabalhar, ele morre, ele mata, ele tira o resto da vida dele num presídio ou ele fica numa cadeira de rodas, ou ele cega. Aí eu não tava conseguindo viver em paz com eles [os espíritos], aí eu montei o terreirinho, era dentro de casa, depois eu fiz a casa e mudei pra ali, e o

³³ Objeto onde se distribuem os santos, faz-se na mesma a adoração dessas entidades, a mesa é considerada essencial para a realização das rezas dos santos católicos e outros como da umbanda.

povo brigando, os irmãos brigando, diabo tu viu espírito precisar de casa? Tem que fazer casa é pra tu.³⁴

Foi nesse momento que Maria Bonita resolveu fazer seu terreiro, pois ela acredita que, se não o tivesse feito, cairia sobre ela terríveis consequências, como ficar presa, aleijada, ou iria se tornar assassina. Certo é que Maria Bonita apesar de ser chamada de mãe, por ter sido parteira, por ser mãe de santo e ter iniciado muitos filhos, também é filha e sabe respeitar a hierarquia. A etimologia da palavra hierarquia, por si só já demonstra a existência de uma estrutura sagrada onde Maria Bonita está abaixo e os deuses estão no topo³⁵.

Dona Maria Bonita aponta que alguns debocharam dela quando estava fazendo a casa para os santos, hoje estes debochadores estão em más condições. Os filhos destes são viciados em drogas ou estão em péssimas condições financeiras. Já Maria Bonita se diz conformada, pois conseguiu que os filhos estudassem e adquirissem uma profissão. Ainda tinha os vizinhos e policiais que atormentavam a vida de Maria Bonita, no que concerne a implantação do terreiro:

[...] Meus vizinhos aqui eram cobras e caranguejeiras. Os vizinhos eram jogando pedra dia e noite aqui na minha casa, porque diziam que eu era macumbeira e não botava esse terecô aqui, iam me matar. Entrava eram dezesseis pessoas armadas aí dentro, ia me matar. Eu dizia: vou ficar aqui nesse inferno, bem aqui junto com vocês tropa de cão. E era batendo tambor pra amansar os doidos. Cuspiam na minha cara bem aqui. – Não vai mandar tirar terreiro aqui não. Polícia não vai me tirar daqui. Os encantados têm mais poder!³⁶

Além das perseguições da polícia, as rixas com os vizinhos e com os feiticeiros eram coisas pesadas ou ainda são, pois D. Maria Bonita afirma que benzedor não se dá com feiticeiro e vice-versa. Ou seja, ela seria a benzedeira e os outros os feiticeiros. Atualmente, o terreiro de Maria Bonita está oficialmente fechado, ela realizou um ritual de encerramento/agradecimento em 08 de dezembro de 2019. Segundo Ahlert (2016, p.286), a partir do momento que o pai ou a mãe de santo deixa de trabalhar na religião, ele ou ela teoricamente estaria fraca, não por causa da idade biológica, mas por conta de não mais está cumprindo com as obrigações ritualísticas.

³⁴ Entrevista concedida em 16/09/2010.

³⁵ O prefixo Hiera vem do grego que significa sagrado. Neste caso a mãe-de-santo em questão é submetida a uma estrutura sobrenatural. <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/etimologia-palavra-hierarquia/>.

³⁶ Entrevista de 16/09/2010.

No entanto, a mãe de santo acusa outros adeptos da umbanda de realizarem trabalhos para lhe derrubar. Desse modo, entende-se que tem outra explicação para o fim dos trabalhos no terreiro. Ela diz:

Tô achando que foram eles que desmantelaram meu salão, desde que esse Antônio Macumba começou a trabalhar no meu salão, o salão foi acabando, porque ele trabalha é na quimbanda, junto com o Cão Negro Simpílicio, e ai um dia tinha um rapaz que eu tratei mais a De Jesus esse rapaz acompanhava nós também até nesse dia aqui, a rapariga dele topou com esse Simpílicio ai ensinando como é que ela fazia para amarrar o marido e eu pinicando o Simpílicio de um lado [risos] diabo tu não vai ensinar isso para essa desgraça não, porque o médium é meu.³⁷

Poderíamos pensar que, por praticarem a mesma religião, os dois agentes do sagrado, Dona Maria Bonita e Seu Antônio, teriam algo que os unisse, mas não é isso que acontece. Cada terreiro é único, cada entidade recebida realiza atividades próprias, condizentes com sua personalidade e com a formação da casa. Há uma guerra não declarada entre os pais e mães de santo que gira em torno de acusações de charlatanismo, bruxaria, pacto com o maligno e relações incestuosas. No caso de Maria Bonita ao invés de receber ajuda do sacerdote afro-religioso em questão, foi ter apoio do bispo, Dom Cornélio Chizzini, como já foi relatado. Segundo Brandão, esse tipo de relação entre sacerdotes católicos, kardecistas e agentes populares mediúnicos é comum, podendo servir aos interesses de legitimação desses agentes populares:

Rezadores e capelães eram considerados pelos padres como rivais ilegítimos, mas eram também sujeitos que, uma vez reconduzidos à ordem da Igreja e subalternos às diretrizes dos vigários, recuperavam direitos oficiais de vida e de prática religiosa. No entanto, os curandeiros não podem ser ‘recuperados’ da mesma maneira, porque não existe uma ordem eclesiástica ou uma corporação profissional que possa incluir, e ao seu trabalho: nem no catolicismo, pelo lado da religião; nem na medicina, pelo lado das agências burguesas de cura. Os agentes de possessão procedem da mesma forma com relação ao espiritismo kardecista, de cujos princípios podem se afirmar sincreticamente seguidores, mas de cuja religião jamais se apresentam como representantes. Alguns deles definem-se, no entanto, como ‘de umbanda’, procedendo como profissionais autônomos ou procurando criar a sua unidade religiosa coletiva (o centro ou o terreiro). Este é o ponto limiar onde tanto o rezador católico quanto o curandeiro mediúnico renunciam à representatividade de comunidade ou classe, em troca de legitimidade religiosa atribuída por agências confessionais de âmbito externo. (1986, p. 54-55)

De certa forma, foi isso que aconteceu no caso acima, mesmo que em princípio Maria Bonita não tivesse intenção de obter vantagens da relação com o Bispo, a

³⁷ Conversa de 17/05/2011.

autoridade exercida por ele, sua personalidade forte e a tolerância com outras religiões levou-a a poder respirar aliviada por algum tempo, longe de perseguições, até poder levantar-se e si afirmar como uma espírita umbandista.

Considerações finais

Buscamos relatar os momentos mais importantes da vida da mãe de santo Maria Bonita. Momentos esses que se alternam entre o sofrimento de ter que negligenciar o pedido das entidades, mas também de seguir seus conselhos obtendo a vitória por ter se tornado uma mãe de santo. Nessa trajetória de negociação, acordos e negligências, essa personagem foi se formando enquanto mãe de santo e foi aprendendo na prática os preceitos de sua religião.

As singularidades de sua história constituíram sua identidade como a única pessoa, como ela diz, a receber uma entidade, Mãe Marina, seja em Tocantinópolis ou em qualquer outro lugar. Uma mãe de santo que sofreu durante sua trajetória os preconceitos por sua condição de mulher e dirigente de uma religião afro-brasileira, a ponto de ser chamada de prostituta e macumbeira, enquanto trabalhava com independência dos homens para criar os filhos sozinha. Uma descrente que veio a acreditar em espíritos depois de uma promessa a Nossa Senhora da Conceição, ainda que já tivesse passado por inúmeras provações.

Assim se construiu a história de vida de Maria Bonita. Nos seus relatos, ora ela se apresentava como uma sacerdote de umbanda, em outros era a mulher solteira que cozinava, alugava quartos de casa para sustentar a família. O que marca a identidade de Maria Bonita é o estar se construindo constantemente na relação com seus guias espirituais e nos registros mutantes acionados pela memória, diante das novas necessidades da situação no presente:

Começamos a perceber que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (VENÂNCIO; ARRUDA, 2017, p. 216).

Maria Bonita não aparece em jornais, revistas ou filmes. Contudo, suas relações com os encantados permitiram-lhe estabelecer relações sociais com outros agentes religiosos e com outras religiões. Na maioria dos relatos, memórias lacunares e, muitas vezes, obscuras, o que prevaleceu para nossa observação foram as contradições e

paradoxos de uma vida. Nestes impasses, Maria Bonita nunca esteve sozinha diante da liberdade de escolha, mas foi mediada pela cultura do seu grupo e guiada por suas mestras espirituais. Através das narrativas destas, das suas filhas de santo e dos fragmentos de memória da médium acionados a cada nova incorporação, a história de Maria Bonita também vai se renovando.

Referências:

AHLERT, Martina. Carregado em saia de encantado: transformação e pessoa no Terecô de Codó. *Etnográfica*, v. 20, n. 2, pp. 275-294, 2016.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a Metamorfose: A identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1983.

BARROS, Rachel Rocha de Almeida. O filho de uma rainha – reflexões sobre parentesco ritual e seus paralelos com a vida terrena. Disponível em: <https://docplayer.com.br/25296558-O-filho-de-uma-rainha-reflexoes-sobre-parentesco-ritual-e-seus-paralelos-com-a-vida-terrena.html>.

BASTIDE, Roger. O sagrado Selvagem. *Revista Caderno de Campo*, v. 2, n. 2, 1992. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40311/43196>.

BOYER-ARAUJO, Veronique. “Macumbeiras” e “crentes”: as mulheres veem os homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, PPGAS, p. 131-142, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (Org.) *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. *Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís – A casa Fanti-Ashanti*, São Luís-MA: Sioge, 2000.

GOLDMAN, Marcio. A construção ritual da pessoa: a possessão no Candomblé. *Religião e Sociedade*, São Paulo, v. 1, n. 12, p.22-54, ago. 1985.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 167-182

LIMA, Ivan Costa; SILVA, Jaqueline Dayane C. da; SINDEAUX, Juliana Barbosa. Mulheres de Terreiro em Marabá: suas falas e representações. *Anais da V REA – Reunião Equatorial de Antropologia*, Maceió – AL, jul. 2015.

VILLACORTA, Gisela Macambira. “Pajelança e encantaria amazônica”. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. - Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 20-45.

RABELO, Miriam. A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 87-117, abr. 2008.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

SCAMPA, Pe. Carmelo Di Gregorio. *Dom Cornélio Chizzini*. Diocese de Tocantinópolis – TO, 1991.

SODRÉ, Jaime. *Da Diabolização à Divinização: a criação do senso comum*. Salvador: EDUFBA, 2010.

VENÂNCIO, Sariza Oliveira Caetano. *Tenda Espírita Umbandista Santa Joana d’Arc: a Umbanda em Araguaína*. 2013. 200p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís: CPGCS/UFMA.

_____; ARRUDA, Mayane Rumão de Souza. Fazer-se mãe de santo: uma trajetória espiritual de Maria Luiza da Conceição. In: SILVA, Idelma Santiago... et al (Org.) *Mulheres em perspectiva: trajetórias, saberes e resistências na Amazônia Oriental*. Belém: Paka-Tatu, 2017.